



- D. Q. — Boa vontade terá elle de satisfazer a Opinião publica mas
 O tal manifesto não será uma tunica de Nessus? ...
 S. P. Quat o quê? aquillo é camisa de 11 varas

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20\$000	Anno.	24\$000
Semestre	12\$000	Semestre	14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

A ADMINISTRAÇÃO

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 16 de Março de 1895.

A proposito

Isto de *viver ás claras*, na imprensa, não deve ser privilegio de ninguem, antes norma geral de conducta, entre os que prezam o jornalismo.

Por isso e apesar mesmo de já termos demonstrado sufficientemente o nosso programma, julgamos opportuno adduzir algumas observações, que devem ser lidas especialmente pelos que se aprazem em ser eternamente os peiores cegos...

Jornal critico por excellencia, a attitude do *Don Quixote* está particularmente definida perante os acontecimentos passados, presentes e futuros: — elle procurará sempre de preferencia o lado dos assumptos mais prestavel á critica.

E, como inscreveu na sua bandeira a divisa: *Mais civilização, mais progresso, mais humanidade* — é claro que a critica de *Don Quixote* visará sempre conseguir o maximo dos seus anhelos, que são tambem os da maioria da nação.

Isto posto, convém explicar que o *Don Quixote* não é politicamente um periodico opposicionista: respeita acata e applaude o poder legalmente constituido da nação, sem todavia ficar obrigado a dizer—*amen!* aos actos que se oppuzerem á sua divisa.

Republicano por principio e por convicção, mas republicano anti-jacobino, este periodico terá o maximo prazer em envidar ininterruptamente todos os seus esforços para escoimar a Republica Brasileira dos vicios que a têm feito padecer longos soffrimentos, que têm conspurcado a sua alevantada missão e anteposto toda a especie de obstaculos á sua grande e serena, á sua nobre directriz social.

Ora, para attingir este escopo não vemos melhores meios do que os que temos empregado, com o franco applauso da opinião publica, e vêm a ser: — applaudir sem discrepância nem desfallecimentos tudo o que é positivamente bom; castigar, do mesmo modo, tudo quanto é máo.

Desta linha de conducta não nos afastaremos jámais, em que peze aos falsos republicanos que sonham com novas dictaduras, e aos

jornalistas acrobaticos, que hoje fazem piruetas de opposição e amanhã representam de governistas, depois do competente salto mortal.

Temos dito.

Com o Correio

A despeito de satisfazermos a recommendação que nos foi feita pelo Sr. Administrador do Correio Geral, quanto ao modo porque devemos fazer a entrega, na respectiva secção, das folhas que remettemos aos nossos assignantes, continuam a ser innumeradas as reclamações destes pela falta de recebimento.

Mas, decidamente, é isto um mal sem remedio?

Não haverá da parte da Administração dos Correios um meio de pôr cobro aos abusos ou desleixos dos empregados que assim desairam e compromettem a moralidade de uma repartição publica, á qual são confiados interesses de incalculavel valor tanto material como moral?

Se ao digno funcionario a quem dirigimos esta queixa, fallecem os recursos para compellir os seus auxiliares a cumprirem honestamente, rigorosamente o seu dever, melhor será que o declare ao publico para que este proceda, na transmissão da sua correspondencia, como melhor convier aos seus interesses.

Se, porém, esses recursos não lhe faltam, a continuação dos abusos e das faltas que motivam as reclamações que constantemente lhe são feitas, implica uma cumplicidade que está a exigir providencia de quem tal commissão lhe confiou.

Medite o Sr. Administrador do Correio Geral na gravidade da posição em que o collocam as queixas frequentes de innumerados prejudicados e poupe-nos o desgosto de reclamar contra os damnos que nos está causando a repartição que dirige.

D. QUIXOTE

T&GARELLICES

Dizia o velho finorio Barão de Cotegipe, que Deus não fez nada tão bom como um dia depois do outro.

Eu sou da opinião do illustre estadista bahiano.

Em 1836 publicava-se na cidade do Rio Grande do Sul um jornal que tinha por titulo *O Mercantil*.

Este jornal, que era como um **O** da grande circulação d'aquelle tempo — o verdadeiro, o genuino, o unico patriota de então, publicou em uma das suas explosões de civismo este soneto contra o heroico chefe dos Farrapos — Bento Gonçalves da Silva:

«Pudestes, ó monstro, quasi num momento
Ferir a patria de tartarea guerra;
Fazer pudeste o campo, o valle, a serra
Covis de feras, de ladrões assento:

D'estrago e lucto e lagrimas sedento,
Entregue á furia que teu peito afferra,
Pudeste converter formosa terra
D'eterno horror em vasto monumento

Mas não conseguirás, monstro nefando
De sangue fraternal embriagado,
Sobre o throno exercer horrivel mando.

Dos tyrannos t'espera a sorte, o fado:
Ou nas mãos do verdugo terminando,
Ou de Marte nos campos fulminado.»

D'aqui a mais algum tempo, quando á luz da publicidade vier tudo quanto o terror e a mordação da legalidade suffocou na soturna discreção dos carcereiros: quando a critica implacavel da historia escarpelar com os documentos que vão apparecendo, os actos e intenções de todos os que influram na perturbação da vida nacional iniciada pacificamente a 15 de Novembro de 1889, não será para espantar que se vejam muitos idolos quebrados e muitos *bandidos* glorificados, como o é hoje, com toda a justiça, o heróe da republica do Piratinim.

E já que estou a excavar sonetos velhos para applicar a factos novos, ahi vae outro que o *Santos Commercial* me depara, attribuido a um antigo poeta portuguez de nome Isidoro, que de improviso o fizera a pedido de uma dama.

Os Romeiros da Estrada de San Thiago, com o seu estylo parlo matecatorio, não nos fornecem novidade alguma.

O neph'libatismo dos novos Isidoros vem do seculo passado, como se verifica d'este soneto que bem poderia figurar em qualquer *Rio Revista*.

«Fanrafancias, farofias bagatellas,
Galhardileras náus, ondas lethargicas,
De appetitica mão pinturas targicas,
Trombolhões, altos couces, cambadellas;

Polvoraes bombardaticas panellas
Cheiratiferos prados, flores vargie'as,
Vozes sexquipedaes, espalhafargicas,
Cutelos, dardos, ignoto, esparrellas,

Mumidonicos povos, Deus cambaio!
Duphnetico, amante, auxilio implora,
Pavilhão azulado, ignoto Maio.

Choro, morro, canguieio, é desaforo!
Aqui firo, ali mato, acolá caio:
Os versos aqui tendes do Isidoro.»

A *Gazeta de Noticias* de 11 do corrente, sob o titulo de *Uma guilhotina* impinge aos seus leitores uma grandissima patranha referida em carta que lhe dirigió de S. Paulo um tal Sr. José Maia.

Digo *grandissima patranha*, porque não posso acreditar na veracidade d'aquelle narração.

Pois é lá possivel que o Sr. Coronel Vespasiano, um homem de estudos que o fizeram considerar apto para director da nossa principal estrada de ferro, ignore o que seja uma machina de picar fumo, e a confunda com uma guilhotina!

Qual! não póde ser.

Mesmo porque, se tal confusão fosse verdadeira por parte do instituidor do wagon da legalidade, essa machina teria sido logo montada no referido wagon, e o reclamante Maia, em vez de ter seguido são e salvo para S. Paulo

a engendrar historietas, para referir á *Gazeta*, teria sido n'ella mettido como torcida de fumo e picadinho da silva sem mais aquella.

E seria muito bem feito, para não estar assim tramando contra a Patria e contra a Republica.

Não é, ó O' ?

—o—

E por fallar no O'.

Na terça-feira este conspicuo collega, querendo matar o *bicho*, deitou longo artigo sobre a jogologia do Jardim *Book-Maker* denunciando as espertezas com que uns pedagogos cavanellas andam ahí a leccionar pules clandestinas a alumnos viciosos e papalvos, e aproveita o ensejo para beliscar a policia, responsabilizando-a pela existencia de tal abuso.

Eu comprehendo a competencia do O para, na sua qualidade de inspector de escolas municipaes, reclamar contra a inconveniencia de taes liçõe; o que eu não comprehendo é como, sendo a Prefeitura municipal a facultadora da CAUSA, venha o O' inspector litterario responsabilisar a policia pelos EFFECTOS.

Se motivos de alta moralidade economica o impedem de inermimar o Prefeito pela permissão do pernicioso ensino, n'esse caso mais acertado seria que O' se queixasse ao Bispo.

MESTRE NICOLAU.

Missa do Amor

Hoje ha festa; tu'alma, templo santo da minha adoração, dos meus sonhos, se illumine: por cirios teus olhares, esses olhares que me enlevam tanto.

Por flores teus sorrisos, mesto encanto de noite calma, de argenteas luas; festões serão a circumdar altares os teus cabellos em ebano manto.

No coro, em prece, a tua voz sonora seja o psalmo de luz que accende a aurora de um eterno gozar, que é minha vida.

Meu coração, ministro a um tempo e crente, cheio de fé, levanta reverente como hostia sacra o nosso amor, querida!

LUIZ NOBREGA.

AMERICANISMO

N'esta serie de cogitações que iremos dia a dia annotando no pequeno espaço de que dispomos, sem a mais leve pretensão dogmatica, juntaremos hoje algumas outras, allás controversas, e de summa importancia para o desenvolvimento completo do nosso paiz.

Considerando a sociedade como um organismo vivo, sujeito ás grandes leis naturaes, cada individuo de per si, em relação ao todo, ao conjuncto organico, representa a molecula que constitue o orgão, com funcção propria e caracteristica.

Comprehende-se desde logo que, se o elemento componente não encerra em si o ger-

men necessario á vida, ao equilibrio da funcção, á uniformidade harmonica, elle acarreta para o orgão pontos de destaque que o impossibilitam a movimentos uniformes ou isochronos.

Por exemplo, se o pulmão tem um ponto affectado—, uma caverna, o phenomeno da respiração deixa de ser sensualmente regularizado. E este mesmo facto se dá em relação aos demais orgãos, onde o germen de um mal qualquer existe por causas diversas.

O homem brasileiro é um producto de tres raças, cada qual mais divergente.

O negro, como se sabe, é de todas as raças a mais atrazada. E como a palavra *raça* é um termo biologico, que significa um conjuncto de traços anatomicos, até hoje ainda não se os pôde determinar de uma maneira rigorosamente exacta, scientifica. O que é facto, porém, para se mostrar o seo atrazo, basta que se constate que a *raça* negra não conseguiu ainda constituir uma nacionalidade.

A *raça* portugueza, que outr'ora occupou uma das mais salientes posições na historia geral, bem cedo entrou em decadencia, a ponto de ser hoje uma exausta, uma incapaz de novos commettimentos. O Portugal de agora é uma tradição apenas; ao canto da Europa elle vive da contemplação de seos dias mortos, de suas glorias universaes, do producto exiguo de suas brilhantes conquistas, devorado hora a hora, humilhado momento a momento pelo mais odioso fanatismo catholico, pela mais pifia das monarchias que soem apoiar-se em governos de embusteiros.

O indio ou o homem primitivo do nosso meio representa o individuo inactivo, acreditamos mesmo que o typo incapaz de sair do periodo da tribu. As nossas condições geographicas e climatericas por tal forma se fizeram influenciar sobre a sua organização robusta e consistente, que o homem material, de instinctos egoistas e grosseiros, supplantou o homem moral e intellectual, a forma incapaz de evoluir. Os vestigios de sua vida nomade ahí estão attestando a volubilidade de sua permanencia, dando o traço caracteristico da incapacidade do seo desenvolvimento. Sem energia, sem permanencia e aptidões definidas, elle já-mais poderia passar da organização da tribu para a organização do estado.

Oriundo d'estas tres raças prejudicadas e ainda mais sob a influencia de um clima irregularissimo, de uma alimentação demasiado forte, excessiva, e da adaptação de usos e costumes contrarios á nossa natureza tropical, o brasileiro é um producto atrophiado, sem vontade propria, sem estabilidade, sem iniciativa. Viciado de natureza, criado por um processo colonial, sem educação physica que lhe dê desenvolvimento e energia aos musculos e potencia aos nervos, harmonisando-lhe a cerebração, elle synthetisa um typo doente, um desilludido prematuro, um desconfiado de si proprio, que nem sequer sabe rir. Sem uma religião, sem uma philosophia, sem um incentivo elevado, aspira o conforto de um titulo scientifico, de um privilegio odioso, de um

diploma adquirido em academias onde não prima o criterio, onde a sciencia se abroquelou no officialismo mediocre e pulha.

Ou então, quando as circunstancias não lhe permitem o anel tradicional, encosta-se á primeira secretaria, fazendo vida á sombra de um amanuensiado superfluo e vaidoso.

Ora o Brazil é um paiz novo. A sua lavoura, a sua industria, as suas artes, carecem de quem as olhe de frente, com caracter, curando da sua prosperidade. E não será por certo um *doutor* ou um amanuense, ou um poeta lyrico, pequenino, magro e já calvo, quem ha de ir revolver a terra, colher o fio para industrial-o. Necessitamos, por conseguinte, de forças novas, originarias de raças fortes e constituidas, para que em aqui chegando façam, pelo cruzamento e pela absorção, desaparecer o joio e florir o trigo.

JORGE MOREAL.

FERROADAS

Eu deitaria tambem os meus foguetes ao 13 de Março, como bom legalista que fui e sou, e amante do principio de auctoridade.... se me tivesse esquecido de que essa data, que devia ser a da volta ao predomínio exclusivo da Lei, foi, ao contrario, a do assanhamento feroz dos jacobinos de todas as classes, uns que afogaram os seus *herohismos* num mar de sangue, outros que se regosijavam com tal diluvio de barbaridades.

Mas, se não soltei a minha gyrandola, nem por isso deixei de ler detidamente os numerosos telegrammas, com que muitos patriotas felicitaram o Snr. Marechal Floriano, pelo sobredito 13 de Março.

Que leitura suggestiva!...

Houve tal que telegraphou:

«Faz hoje um anno em que eu no forte do Castello assisti á fuga vergonhosa de Saldanha que todos nós esperavamos moresse no seu posto, etc.»

Outro concluiu, tambem pelo telegrapho:

«Faço votos pelo vosso restabelecimento, porque de vós muito precisam o credito e a Republica Brasileira.

São meus os griphos.

Ora, nunca, já-mais, em tempo algum, occupei qualquer posição official; mas juro que, apesar disso, no dia 12 de Março de 1893, eu e muitos outros paisanos sabiamos que o Snr. Saldanha tinha deliberado asyalar-se e a todos os seus companheiros, a bordo dos navios portuguezes. Demais, os navios revoltosos amanceceram no dia 13 de fogos apagados, immoveis nos mesmos ancoradouros da vespera!...

Como é, pois, que o Snr. Fulano nos vem dizer que assistio no dia 13 á fuga vergonhosa, etc. ?

Ora bolas!

Eu tambem faço votos pelo restabelecimento da saude do Snr. Marechal, e não desconfio que S. Ex.^a pôde prestar serviços á Re-



D. Q. — Pobre Nação!...

S. P. — Perde o seu latim: Está fallando a uma estatua...

— Para que me serve este barrete phrygio, symbolo da liberdade e fraternidade, se não procuro terminar essas lutas fratricidas, sustentadas por tyrannos nos meus estados? É esta divisa e Progresso na minha bandeira, no meio de tanta desordem politica,

publica Brasileira, no caso de ser eleito d'aqui a quatro annos e se governar o paiz de accordo com a lei, livre, sobretudo, destes *amigos* ursos, destes *patrioteiros* e destes carrascos, que tornaram irrespiravel, por ignobil, a atmospheria do Itamaraty, no tempo da *legalidade*.

Isto é muito differente d'aquillo que os *saudosos* da *legalidade* desejam.

Elles querem promover a desordem, anarchisar tudo, para tornarem possivel uma dictadurazinha lá do peito delles, que a nação deve repellir a todo o transe.

Elles são, em summa, os inimigos da paz no Rio Grande do Sul, e os novissimos e tresloucados sebastianistas do Cambuquira, mesmo contra a vontade do seu Idolo...

Uns pandegos, afinal de contas.

Ainda um trecho precioso de outro telegramma congratulatorio:

« Velai por ella (a Patria) e como outr'ora defendei-a quando os interesses que de novo se disfarçam desencadeiarem-se contra o vosso successor, etc. ».

Com vistas á gente do Cubango: que ella passe a roer mais este osso!

E viva! E cresça!

PERNILONGO.

D. João Caipora

Muito D. João e muito Caipora, o Dr. Menezes!

Filho de abastado fazendeiro dos confins de Minas Geraes, mandou-o o pai para a capital aos 14 annos para cursar a Escola Politechnica e fazer-se engenheiro.

Ao cabo de dez annos, tendo conseguido, mais á força de empenhos do que de habilitação scientifica, um pergaminho que lhe dêsse direito a ser tratado por — doutor —, regressou ao lar paterno, onde era esperado por uma prima, que desde a infancia estava destinada a ser sua mulher.

Casou-se, e, dous annos depois, enviuvou, sem que d'esse consorcio augmento algum resultasse para a familia Menezes.

Moço, rico e viuvo sem filhos, nenhuma vocação tendo para a vida da lavoura, delibrou voltar para a Capital, onde, nas condições em que se achava e com os recursos de que dispunha, esperava romantisar a sua existência por uma serie de aventuras amorosas que lhe dêsse mais ou menos accentuada feição de D. Juan Tenorio, cuja historia, lida após a sua viuvez, muito o impressionara.

Installado, pois, na Capital, começou a pôr em pratica o seu romanesco programma pelas aventuras que lhe eram propostas por certos annuncios do *Jornal do Commercio* e da *Gazeta de Noticias*.

Uma activa correspondencia entre elle e as iniciaes anunciantes se estabeleceu então por algum tempo, e rara era a noite em que o Dr. Menezes não tinha um *rendez-vous* no Passeio

Publico, no Parque do Campo da Republica, ou no jardim da Praça Tira-dentes.

Mas... fatal caiporismo!... aquellas iniciaes que pediam a protecção de um cavalheiro, eram sempre representadas ou por matronas respeitaveis, ou por Imperias esgançadas, esbodegadas ou estupidas!

Nas reuniões familiares e nos bailes onde se apresentava, o seu caiporismo não era menor.

Sem audacia e sem espirito para insinuar-se no animo das bellas a quem requestava, quando com ellas conseguia trocar algumas palavras durante uma quadrilha ou após uma valsa, era tal a ideia que dava de si, que raras eram as que segunda vez consentiam em lhe serem par.

Emfim, tantas e taes foram as decepções por que passou o Dr. Menezes na sua pretensão de conquistador, que, desanimado, abatido, já se conformava em arranjar uma modesta companheira que com elle quizesse viver maritalmente em algum canto retirado.

Mas até n'esta louvavel pretensão o caiporismo o perseguio!

Ha poucos dias, depois de haver andado inutilmente na rua do Ouvidor para baixo e para cima a suspirar intimamente, estendendo olhares suplices para quantas filhas de Eva alli transitavam, retirava-se para ir tomar um dos bondes de Botafogo, quando, ao sahir da rua de Gonçalves Dias, vio parada na esquina da da Assemblêa uma bella mulher, elegantemente vestida, alta, esvelta, de gesto altivo e senhoril.

Impressionado pela boa presença e pelo gesto d'essa mulher, o nosso D. João parou a alguma distancia e poz-se a observá-la.

Vendo-a, porem, fazer signal ao cocheiro de um bonde pequeno que ia passando, correu para junto e com ella entrou n'esse bonde, sentando-se-lhe ao lado.

A moça, que não o conhecia e nem n'elle havia antes reparado, achou aquillo naturalissimo.

No entanto, durante a viagem notou que o seu visinho olhava-a com insistencia denotando vontade de lhe dirigir a palavra, mas sem animo para o ousar.

Chegado o bonde a certo ponto da rua de Riachuello, a um signal da moça o conductor fel-o parar.

A moça apeiou-se e entrou em um predio de dous andares.

Um pouco mais adiante, apeiou-se tambem o Dr. Menezes e aproximou-se do predio ao tempo em que a sua companheira de viagem desaparecia no alto da escada do segundo andar, cuja grade se fechava após a sua entrada.

Não se atrevendo a seguil-a até dentro do seu domicilio, ficou por um momento indeciso em frente da casa, e quando ergueu os olhos para ver o numero do predio, reparou que a moradora do 2º andar apparecia á janella, retirando-se mal o avistara.

— Seria para verificar se eu a acompanhêi, que ella veio á janella? — Interrogou a si proprio o D. João. — Quem sabe se encon-

trarei n'ella...

E tomando uma resolução, foi para sua casa e escreveu a seguinte carta:

« Ilm.ª Sr.ª D. Alta.

« Encontrando-a n'um bond hontem não pude dirigir-lhe uma só palavra pelo respeito que a Sra. meresse, vio pular na rua do Riachuello, que tambem pulei depois poucos momentos vio na janella do 2º andar, sendo um homem independente por ser viuvo e sem filhos podemos entrar em um acordo com V. Ex.ª para montar uma casa e fazer todas as vontades por isso peço-lhe para dar-me a resposta em pessoa propria ás 7 horas da noite na esquina da Rua das Marrecas em frente ao portão do passeio publico.

Dr. Menezes »

Escrepta, assim, esta carta com esta grammatica, mettu-a em um envelope e subscitou-a:

« Ilm.ª Sr.ª D. Alta
Rua de Riachuello n.º. . 2º andar.
Capital Federal. »

Posto o competente sello foi lançal-a na caixa do Correio.

No dia seguinte, cerca de nove horas da noite, o Dr. Menezes, já impaciente de esperar no lugar aprasado á tal D. Alta, dispunha-se a retirar-se, quando de subito vê apeiar-se de um bonde que seguia para Santa Luzia uma mulher magra e alta como um bambù, e dirigir-se para elle.

— E' o Snr. Doutor Menezes? pergunta-lhe a recenhegada.

— Sim Sr.ª, respondeu o D. João, reanimando-se por suppô-la uma mensageira trazendo resposta á sua missiva.

— Eu sou a D. Alta... isto é, chamam-me Ignez Alta por causa da minha estatura.

Hoje de manhã, quando o carteiro foi levar esta carta a casa de minha ama, eu logo vi que era para mim porque não ha ninguem lá que tenha este nome se não eu. Mandei-a ler pelo caixeiro da venda, e então fiquei muito sastifeita pella proposta que n'ella me faz, apesar de que não tenho a sastifacção de conhecer V. S.. Mas é o mesmo, ficamo-no conhecendo agora e estou prompta para fazer o acordo.

O D. João ficou aniquilado diante d'este discurso.

Não vendo outro desfecho para o comico romance de que estava sendo heróe, mandou parar o bond electrico que ia passando e trepou para elle, deixando a Ignez Alta alli estacada como um poste de telephone.

Apenas o bond se pôz em movimento, exclamou, montando uma perna sobre a outra e crusando os braços:

— Ora o meu Caiporismo!

GILDAS.

BIBLIOGRAPHIA

« O Pão »

Orgão da Padaria espiritual do Ceará, n.º 11.

Um bom numero com excellente collaboração, na qual se destacam, em prosa:

As manchas do sol e as seccas — bello estudo de Rodolpho Theophilo e *O Baptismo* — bom conto de J. Carvalho. Em verso; *A te...*

mosia da onda, de Sabino Baptista, e *Longe* de Miguel de Barros. Um numero cheio.

«A Chronica Illustrada»

Com um bom desenho na 1.^a pagina. A do centro traz um retrato do Dr. José Maria de Alhuquerque e Mello e a Rua do Ouvidor.

A ultima uma boa critica ao jogo do jardim Zoologico. O texto alegre e variado como vem a uma folha d'este genero.

L. N.

GRACIAS!

O estudioso e bem aceito actor Peixoto teve a amabilidade de vir pessoalmente trazer-nos um convite para a sua festa artistica, que deverá realizar no Theatro de Sant'Anna, na proxima quarta-feira 20 do corrente, com *O Surcouf*.

Agradecendo a gentileza, recomendamos aos nossos leitores a festa do sympathico artista.

CHINOISERIES

Ludovico, um cumprimento pela CANÇÃO SERTANEJA, mimosa flor, que viceja no jardim do teu talento.

E' tão rara a merencoria delicadeza a que és dado hoje... que ha cada LETTRADO que só mesmo á palmatoria.

Cheios de insulto e graçola nada ha que os TAES não affrontem, uns sabichões, que inda hontem deixaram bancos de escola!

Mas em tu'alma sentida vibra a doce melodia do soffrer, que se irradia na dor da amante perdida.

Parabens ao delicado e brasileiro lamento, que retrata o sentimento de um coração bem formado!

LU-No.

Theatros

A critica paulista, que tão severa se mostrou com as *Revistas* levadas pela companhia do theatro *Apollo*, e julgou-se, a proposito d'ellas, no caso de poder dar uma lição de criterio e moralidade á imprensa da Capital, mostra-se agora toda blandieias para com as bambaxatas que lhe levou a companhia do theatro *Lucinda*, taes como *Tim tim por tim tim*, *Brazileiro Prancraccio* e *Cavalleiro da Rocha Vermelha!*

D'esta ultima diz até a *Platêa* de 6 do corrente:

«E' uma peça bem arranjada, de bom effeito scenico e que possui quadros felizes.»

Onde aquella attitude sympathicamente austera, que em tão boa hora assumio para chamar á ordem do bom senso e do bom gosto autores, actores, empresarios, publico e imprensa?

Derreteu-se ante os sorrisos da Snra. Miola e o salero da Snra. Legnor Rivero!

Estas duas estrellas da Companhia do *Lucinda*, mal chegadas a S. Paulo, tiveram a sagaz gentileza de ir comprimentar as illustres redacções dos jornaes, manencilhando a critica com o perfume das flores que a lisonja e o sorriso esfolhavam em seus labios provocantes de fantasias cretences.

Tanto bastou para o desdobraimento de Cesar em João Fernandes!

E os clarins da adjectivação encomiastica entraram desde logo a terratear ruidosamente nas chronicas sumiticas de analyse em uma glorificação espaventosa a todas as *estrellas* e até ao proprio Brandão, o collossal e vitoperante estrião das borracheiras heroticas e mal cheirosas.

Tremei typos graúdos dos cabeçalhos de annuncios.

Agora sim! agora é que a consagração paulista vos vai fazer berrar nos rodapés trazeiros das folhas da Capital, diplomando celebriades

E viva a critica paulista! vivam as estrellas e... as pipocas!

++

De volta da paulicea, a companhia do *Apollo* recomeçou os seus trabalhos com a *reprise* das melhores peças do seu repertorio, dando-nos depois do *Abacaxi*, (que não pegou) as comedias *Pum!* e *As Andorinhas*.

Da primeira, pela mesma razão que dei na minha chronica passada, nada ainda posso dizer; da segunda direi o seguinte:

Uma boa comedia, habilmente engendrada sobre a acção cúpida da primavera tanto na vida animal como na vegetal.

Jovens e Velhos, sentem á chegada dos bandos dos forasteiras andorinhas, a influencia excitante dos orgãos vitaes, que faz as arvores desabrocharem em flores, e os corações transbordarem de amor.

E', impellidos por ella, que um velho gaiteiro um jovem advogado bilontra (deixem passar o termo) e um moço escrevente bohemio, de envolta com outros personagens do sexo amavel, se emmaranham em uma successão de scenas mais ou menos comicas durante tres actos, que terminam, a bem da moral, pelo

menos na apparencia, de um modo conciliador e alegre.

A encenação desta comedia foi rasoavel.

Rosa Villiot, Balbina, Maria Augusta, Mathilde Nunes, Mattos Mesquita e Rangel Junior conduziram-se todos bem nos seus respectivos papeis, sendo regularmente secundados pelos demais que na comedia tomaram parte.

O publico riu e applaudiu francamente.

++

O *Recreio* continua a explorar o *Rocamble* com bom exito, graças á affluencia de espectadores.

++

No *Sant'Anna*, a *Cornucopia do Amor* ainda entretam a companhia do Heller, entretanto que se prepara a *Loteria do Diabo*, da qual a sorte grande será indubitavelmente a bella voz da Snra. Ismenia Matheus, auferivel a todos os que comprarem bilhete para essa *Loteria*.

++

No *Variedades* deu-se *O Filho da noite*, drama em 1 prologo, 6 actos e 6 quadros, (ao todo 13 scenas!) com musica e bailados.

Trataremos d'esta espectacularosa peça, em que tomam parte a Snra. Ismenia dos Santos e o sympathico e bom artista Eugenio Magalhães.

++

E, para terminar, um grato e affectuoso aperto de mão ao illustre comediographo e distincto chronista Arthur Azevedo pelas amaveis frases que em seus folhetins da *Noticia* tem dispensado a

SANSÃO CARRASCO.

A nossa meza

Fomos obsequiados com:

— *Revue Médico-Chirurgicale du Brésil et des Pays de l'Amérique Latine*, 1.^o e 2.^o fasciculos, dirigido pelo Dr. Brissay.

Não precisamos encarecer a utilidade d'esta publicação scientifica, de que livremente nos occuparemos em noticia especial.

— *Nhanhá*, conto brazileiro por G.P. Malan, escripto em italiano, e publicado pela *Biblioteca Popolare di Romanzi e Viaggi*, de Torino. Vamos ler;

— Convite para a festa commemorativa do anniversario de S. M. Humberto I, realisada pelo *Circulo Operario Italiano*, no dia 14 do corrente;

— *Amo a ti só*, Valsa para piano, por A. Sother;

— *Dolores*, Valsa de Miguel A. de Vasconcellos, offerecida á Exm.^a Snra. D. Maria das Dores Mendes, ambas elegantemente editadas pela importante casa Buschmann, Guimarães & Irmão.

— *Captivando*, polka por Ernesto Bulhões impressa pelos editores Vieira Machado & C.^a

— *Almanack do Correio da Europa* para 1895, com variada leitura e bella collecção de retratos de pessoas notaveis, nacionaes e estrangeiros.

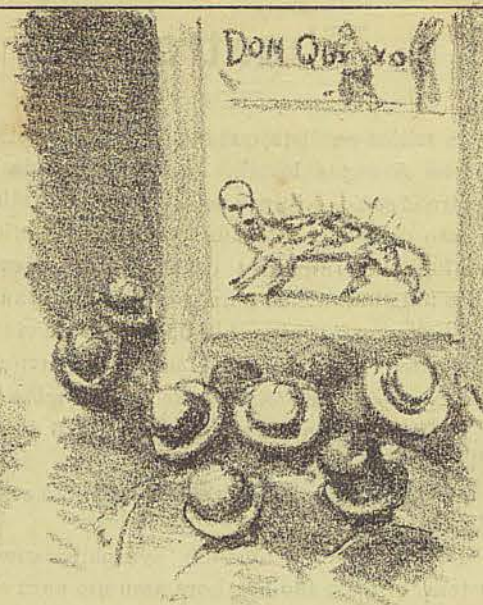
— *Revista Brazileira*, fasciculo 6. Sempre excellente.

A todos agradecemos

D. MEZARIO.



Os acontecimentos de Pernambuco obrigaram o D. Quixote e seu fiel escudeiro a voltar para esta Capital, adiando a viagem ao sul.



Apenas chegados apresentamos ao E.^{mo} Sr. Prudente de M. e ao respeitavel publico a terrivel fera do Norte,



a qual continua em companhia de outras a perseguir o povo pernambucano.



O proprio Senado estadual está ameaçado de ser victima da feroz bicharia.



O que fez com que os Senadores pedissem providencia ao Sr. Prudente de M., que se limitou a deitar-lhes a benção... Constitucional.



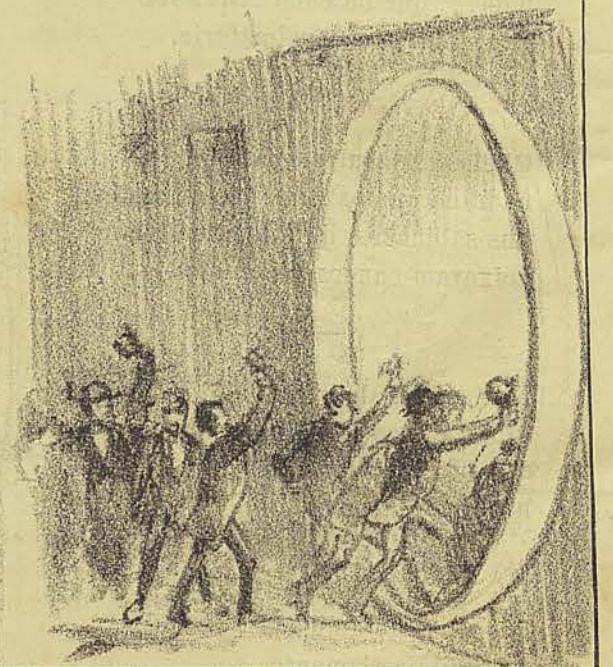
Enquanto uns queixam-se ao bispo, outros ficam bem tranquilos sobre a constituição...



Mais uma bernarda obri- gada a retrato, feita pelos alumnos da Escola Militar,



e que o Sr. Bernardo Vasques entendeu dever ser a ultima fechando por enquanto a dita escola.



Alguns manifestantes met- teram-se no O, sendo recebi- dos com a gentileza que dis- tingue o nosso collega.